

**Noêmia Félix da
Silva**

URL [http://orcid.
org/0000-0002-1327-
8023](http://orcid.org/0000-0002-1327-8023)

Pontifícia Universida-
de Católica de Goiás

**William de Araújo
Correia**

Currículo Lattes:
[http://lattes.cnpq.
br/0116797546684695](http://lattes.cnpq.br/0116797546684695)
Pontifícia Universida-
de Católica de Goiás

**As narrativas econômicas
da *Folha* nos governos
Dilma e Temer**

**The economic narratives
of *Folha* in governments
Dilma and Temer**

**Las narrativas económicas
de la *Folha* en los
gobiernos Dilma y Temer**

RESUMO

O presente artigo reconfigura as distintas tessituras costuradas pela *Folha de S. Paulo* sobre a situação política e econômica do Brasil nos governos Dilma e Temer em 2016. Valendo-se do arranjo teórico-metodológico da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica da Narrativa buscamos desvelar os sentidos do fragmentado noticiário econômico e definir os aspectos da cobertura que implicam na abstração de personagens, desenlaces, pontos de inflexão, panos de fundo e demais elementos que caracterizam uma história. Os resultados apontam que a *Folha* incorporou valores dominantes das elites na cobertura empreendida de determinados eventos econômicos analisados, o que resultou na condução de uma narrativa responsável por desqualificar o governo Dilma e reforçar as expectativas de que o governo Temer pudesse prover as reformas e mudanças solicitadas por determinados setores do país.

Palavras-chave: Jornalismo econômico; Impeachment; *Folha de S. Paulo*; Michel Temer; Dilma Rousseff.

ABSTRACT

The present article reconfigures the different tessituras sewn by *Folha de S. Paulo* on the political and economic situation of Brazil in the governments Dilma and Temer in 2016. Using the theoretical-methodological arrangement of Content Analysis and Critical Narrative Analysis we seek to unveil the senses of the fragmented economic news and define the aspects of coverage that imply in the abstraction of characters, outcomes, inflection points, background and other elements that characterize a story. The results show that *Folha* incorporated dominant values of the elites in the coverage undertaken of certain economic events analyzed, which resulted in the conduction of a narrative responsible for disqualifying the Dilma government and reinforcing the expectations that the Temer government could provide the requested reforms and changes by certain sectors of the country.

Keywords: Economic journalism; Impeachment; *Folha de S. Paulo*; Michel Temer; Dilma Rousseff.

RESUMEN

El presente artículo reconfigura las distintas tesis cosechadas por la *Folha de São Paulo* sobre la situación política y económica de Brasil en los gobiernos Dilma y Temer en 2016. Valiéndose del arreglo teórico-metodológico del Análisis de Contenido y del Análisis Crítico de la Narrativa buscamos desvelar los sentidos del fragmentado noticiero económico y definir los aspectos de la cobertura que implican en la abstracción de personajes, desenlaces, puntos de inflexión, paños de fondo y demás elementos que caracterizan una historia. Los resultados apuntan que la *Folha* incorporó valores dominantes de las élites en la cobertura empreendida de determinados eventos económicos analizados, lo que resultó en la conducción de una narrativa responsable de descalificar al gobierno de Rousseff y reforzar las expectativas de que el gobierno Temer pudiera proveer las reformas y cambios solicitados por determinados sectores del país.

Palabras clave: Periodismo económico; Impeachment; *Folha de S. Paulo*; Michel Temer; Dilma Rousseff.

Submissão: 26-7-2017

Decisão editorial: 30-1-2023

1. Introdução

Desde que o jornalismo econômico se consolidou como especialização nos jornais brasileiros, o que ocorreu no período de ruptura democrática com o golpe de 1964, a atividade desperta desconfiança entre a audiência mais atenta e também no meio acadêmico. Apesar da inegável relevância da economia para a vida dos cidadãos, conforme afirma Mises (2010), bem como da ética liberal intrínseca ao exercício do jornalismo (KUCINSKI, 2002), a cobertura de economia parece ter adquirido vícios que contrariam as premissas fundamentais do humanismo, que rege a profissão.

Passada a década de 1990, o poder que emergiu dos mercados, com a difusão do ideário neoliberal produzido pelo chamado Consenso de Washington¹, parece dominar todas as esferas da sociedade. Aqui podemos encontrar, porém, uma instigante dúvida:

¹ O Consenso de Washington foi um receituário de políticas produzido pelas principais instituições econômicas do mundo com o propósito de alavancar o desenvolvimento da América Latina. Previa a aplicação de medidas austeras tais como disciplina fiscal, redirecionamento dos gastos públicos, reformas tributárias, taxas de câmbio competitivas, liberalização comercial, financeira e dos investimentos estrangeiros diretos, privatização, desregulamentação e direitos de propriedade (WILLIAMSON, 2004).

assumida a influência mútua² entre instância econômica e esfera política, é possível dizer com certeza, qual destas tem maior poderio sobre a outra no cabo de guerra social? Esta é basicamente a inquietação que motivou este trabalho. Dela surgiu a vontade de verificar o papel cumprido pelo jornalismo econômico neste jogo de forças.

Quando, em 2016, a possibilidade do *impeachment* da então presidente Dilma Rousseff (PT) foi avaliada como saída institucional para a crise de ordem macroeconômica e fiscal pela qual o país se arrastava, desde o fim das eleições presidenciais de 2014, as consequências que esta decisão poderia acarretar à jovem democracia nacional foram subdimensionadas. Em que pese o sentido político do julgamento do processo, tal entendimento não isenta a necessidade de um crime de responsabilidade claro para levá-lo adiante e tampouco legitima as decisões que envolvem a sua instauração, ainda que os trâmites legais sejam respeitados.

Não obstante, é justo destacar que o processo teria sido esvaziado não fossem também a pressão das ruas e a impopularidade da presidente Dilma. Para ambas as situações, o jornalismo funcionou como um vetor de influência imprescindível. O jornal *Folha de*

² O renomado economista da Escola de Chicago, Milton Friedman, laureado com o Prêmio Nobel em Ciências Econômicas de 1976, afirma em seu best-seller *Livre para escolher* que liberdade econômica e liberdade política foram importantes ingredientes na guinada desenvolvimentista registrada, por exemplo, na Grã-Bretanha do século e EUA do século XIX. Ele alerta, em contrapartida, que a concentração do poder político e do poder econômico pode ser uma receita fatal para a instauração da tirania.

S. Paulo chegou a apoiar editorialmente³ a renúncia de Dilma e de Temer e a convocar eleições diretas.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo compreender quais os sentidos produzidos pela cobertura econômica da *Folha* nos governos Dilma e Temer, bem como detectar outros elementos que importam para o debate sobre o atual momento do jornalismo econômico brasileiro e para o futuro dessa especialização na imprensa brasileira. Para isso empreendemos o uso da metodologia da Análise Crítica da Narrativa, desenvolvida por Motta (2013) e também recorremos à Análise de Conteúdo (AC), com base nos fundamentos propostos por Bardin (2002) e por Bauer e Gaskell (2004), a fim de identificar a temática mais recorrente na cobertura e recompor a tessitura elaborada pela *Folha de S. Paulo*.

2. Jornalismo econômico no Brasil: ideologia e linguagem

A economia surgiu como tema relevante nos periódicos nacionais, a partir da segunda metade da década de 1950, com a ascensão de um novo tipo de desenvolvimentismo talhado na abertura do Brasil aos investimentos estrangeiros. Porém, é a partir do golpe civil-militar de 1964 que a especialização ganhou destaque editorial, se desenvolvendo como resultado do processo de reprodução do discurso capitalista e do regime político autoritário introduzido no país naquele momento (QUINTÃO, 1987).

Este período histórico foi marcado pela censura à imprensa e aos jornais brasileiros e dentro deste contexto que se desenvolveu a linguagem do jorna-

³ O referido editorial foi publicado na edição do dia 02/04/2016 e trazia o título "Nem Dilma nem Temer".

lismo econômico caracterizada pela abstração e um excessivo uso de termos técnicos. De acordo com Quintão (1987, p.102-103), o jornalismo produzido para a economia era recheado de estratégias dos técnicos e especialistas tanto do governo como do mercado, apenas preocupados com a repercussão de ações corporativistas da qual decorriam graves problemas sociais. Esta conjuntura levou os jornalistas a se atrelarem a um gradual processo de tecnocratização e a adotarem no noticiário econômico termos, conceitos e definições ininteligíveis para os cidadãos comuns (KUCINSKI, 2000). A esta linguagem cifrada e quase ininteligível do jornalismo econômico, Basile (2002) deu o nome de “economês”.

Para Kucinski (2000), a instrumentalização da linguagem do jornalismo econômico está inserida no rol das características que marcaram o desenvolvimento da atividade da imprensa no Brasil, nos quais se destacam elementos como a despolitização do conteúdo e a apuração precária. O autor também afirma que o jornalismo econômico reflete diversas ideologias moldadas de acordo com as diferentes teorias ou correntes econômicas dominantes, que derivam da necessidade de responder às crises que afligem as elites em cada época. O padrão ideológico do jornalismo se desenvolve, a partir da linha editorial de grandes jornais e revistas de alcance mundiais do Ocidente, com influência também das agências globais de notícia (KUCINSKI, 2000). Como exemplo podemos citar o *New York Times*, *Le Monde*, *The Guardian*, *Financial Times*, *Wall Street Journal*, *Times* e *The Economist* que de certa forma influenciam a visão de outros jornais no ramo do jornalismo econômico.

O fenômeno de “financeirização” do noticiário econômico, segundo Puliti (2009), diz respeito à hegemonização de temas do mercado nas capas e editorias de economia dos jornais, especialmente a partir da década de 1990. Antes desse processo, assuntos relacionados ao agronegócio e inflação, conforme afirmam Basile (2002) e Quintão (1987), por exemplo, também chegaram a exercer esse papel que hoje é ocupado pelo sistema financeiro.

Após o início da redemocratização, o noticiário econômico no Brasil passou por uma “financeirização”⁴, fenômeno que se caracterizou, primeiramente, pela substituição gradual de fontes ligadas aos setores produtivos, sindicais e acadêmicos por fontes vinculadas ao mercado financeiro para constituir autoridade capacitada a avaliar a gestão das políticas públicas e medidas econômicas adotadas no Brasil (PULITI, 2009). E especialmente a partir de 1992, complementando essa prática, começaram a predominar, nas matérias-manchetes do noticiário econômico nacional assuntos de interesse do mercado frente à “[...] ausência de temas igualmente da área econômica, mas de cunho social, como investimentos em saneamento básico, transportes públicos e habitação” (PULITI, 2009, p. 274).

⁴ Segundo Puliti (2009), o fenômeno de “financeirização” do noticiário econômico diz respeito à hegemonização de temas do mercado nas capas e editorias de economia dos jornais, especialmente a partir da década de 1990. Antes desse processo, assuntos relacionados ao agronegócio e inflação, também chegaram a exercer papel hegemônico no noticiário, que hoje é ocupado pelo sistema financeiro (BASILE, 2002; QUINTÃO;1987).

3. A análise crítica da narrativa: uma abordagem sobre economia

Em busca de remontar as narrativas construídas pela cobertura jornalística de economia da *Folha* nos períodos que envolveram os governos Dilma e Temer, este estudo recorreu à proposta metodológica desenvolvida por Motta (2013). A escolha se deu em razão da conveniência da proposta, que abarca a dimensão linguística da narratologia e da perspectiva antropológica do contexto comunicacional, preterindo as exigências do formalismo e do estruturalismo presentes nas correntes teóricas originais. Segundo Motta (2013), essa postura decorre do fato de que as narrativas só são capazes de produzir um significado, a partir do contato entre narrador e destinatário, numa relação simbólica entre amigos.

Motta (2013) estabelece algumas nuances indispensáveis para o estudo das narrativas como a divisão em planos no processo metodológico. Assim, o desenho metodológico pode ser dividido em três planos: 1) o plano da expressão (discurso ou linguagem); 2) o plano da estória⁵ (ou conteúdo); e 3) o plano da metanarrativa (tema de fundo). Esses planos narrativos são descritos como importantes enquanto instâncias de análise, lembrando que elas não podem ser discriminadas na comunicação prática e real por estarem sobrepostos.

De acordo com a conceituação construída pelo autor, o plano da expressão se materializa, a partir

⁵ Optamos por utilizar a expressão história adotada por Motta (2013) em *Análise Crítica da Narrativa*. Na obra ele explica que a escolha pela utilização dos termos “história” e “estória” (como no inglês, *history* e *story*) para definir as narrativas fáticas e fictícias consiste numa espécie de solução paliativa para distinguir suas características fundamentais.

dos recursos linguísticos e retóricos que são utilizados para construir a narrativa. Interessa, para essa parte da análise, o âmbito da linguagem e as suas conformações na projeção da mensagem e do conteúdo a ser transmitido.

Para a comunicação narrativa jornalística [...] observar esse plano tem uma importância fundamental na análise porque a retórica escrita, visual é fartamente utilizada como recurso estratégico para imprimir tonalidades, ênfases, destacar certos aspectos, imprimir efeitos dramáticos de sentido. (MOTTA, 2013, p. 136).

Como o enunciado narrativo é formado inicialmente no plano da expressão, é nesta instância que se torna possível, segundo Motta (2013), abstrair o uso dos elementos da linguagem para imbuir no destinatário efeitos de sentido como riso, alegria, surpresa, espanto, medo, e etc.

De acordo com Motta (2013), o plano da estória ou do conteúdo abarca a projeção decorrente da expressão do discurso, do uso de artifícios linguísticos, encadeamentos, da formação de intrigas, e etc. A terceira e última esfera de análise é denominada de plano da metanarrativa ou tema de fundo, sua observação na análise pode ser feita a partir dos imaginários culturais que podem ser evocados de forma abstrata pela narrativa. O plano da metanarrativa também é conhecido como estrutura profunda por geralmente se tornar nítida gradualmente ao passo em que a dissecação do plano da expressão e da estória desenvolve-se. No plano da metanarrativa surge a possibilidade de trazer à luz questões e tópicos que permeiam a narrativa sem se vincular de forma direta a ela, a exemplo dos núcleos subjetivos de ordem

ética e moral – felicidade, revolução, conspiração, corrupção, etc. (MOTTA, 2013).

3.1. *A metodologia da Análise de Conteúdo*

Como a análise crítica da narrativa deve ser precedida pela seleção da estória a ser analisada, detectou-se a necessidade de aplicar anteriormente a Análise de Conteúdo com o objetivo de realizar um recorte mais adequado na coleta de amostragem de pesquisa a ser analisada. A AC como um método que, embora tenha sido estruturada de forma científica mais recentemente, vem sendo aplicada com suas variantes há décadas. Trata-se de um eficaz recurso no auxílio ao processamento de diversos conteúdos, mais notadamente àqueles de gênero textual. Além disso, é também um dos poucos métodos capaz de flutuar entre o rigor da objetividade, das quantificações e a flexibilidade subjetiva das avaliações qualitativas (BARDIN, 2004).

Sendo capaz de suprir carências localizadas nos âmbitos quantitativo e qualitativo das ciências formais, a análise de conteúdo se caracteriza por sua instância dedutiva. É da necessidade de se responder questões cuja quantificação e/ou reflexão inferencial são capazes de satisfazer que emerge o seu utilitarismo para as modernas práticas empreendidas nas ciências humanas e sociais.

Bardin (2004) descreve as etapas e os processos que devem ser atendidos para que a análise de conteúdo possa se desenvolver de forma adequada. O primeiro passo recomendado pela autora é a pré-análise, na qual o pesquisador se locomove em torno de intuições iniciais para modelar um esquema de estudos que possa dar partida à análise propriamente dita. Esse período é chamado de fase de organização e deve ser orientado pelo contato do estudioso com os documentos com os quais pretende trabalhar, se-

guido da seleção do material e do recorte do corpus de acordo com regras justificativas. Ainda na etapa de pré-análise, definem-se hipóteses, objetivos e/ou a elaboram-se índices e seus indicadores a fim de preparar o material para a fase seguinte, de exploração do conteúdo (BARDIN, 2004).

3.2. *Procedimentos metodológicos*

Para efeitos práticos da análise narrativa, esse estudo contemplou as três instâncias de interpretação crítica das histórias numa perspectiva qualitativa conjugada com uma visão quantitativa. Dessa maneira, os procedimentos que foram seguidos no decorrer do processo compreenderam: 1) plano do conteúdo, no qual foram observados pontos como sequência cronológica e causal, incidência de protagonistas, antagonistas e coadjuvantes e mesmo a formação da intriga; 2) plano da linguagem, que abarcou a análise e verificação de figuras de linguagem, jargões do economês, advérbios de tempo, preposições adverbiadas, expressões adverbiais e demais conectivos temporais; 3) plano da metanarrativa, que se desvelou com o avanço das etapas anteriores e por meio da reconstrução da tese e atribuição de sentidos à narrativa.

A seleção do objeto a ser pesquisado foi o jornal *Folha de S. Paulo* (FSP) e se deveu à tradição e à história deste periódico na imprensa brasileira e por ser o jornal de maior circulação no país. Em 2016, período em que se desdobrou o estudo, o jornal ficou na primeira posição de acordo com dados oficiais do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). A *Folha* também se encaixa nos critérios utilizados para classificar o que se convencionou chamar de “jornalismo de referência”. Esta modalidade de jornalismo possui algumas características, dentre as quais podemos destacar, o seu caráter irrevogável de defensor da democracia, além do compromisso com relação à divulgação de

quaisquer fatos ou assuntos que possam ser de interesse público (EMEDIATO, 1996 *apud* ZAMIN, 2014).

Retomando a discussão sobre a pesquisa, o foco do estudo abarcou duas frentes: 1) o estudo sistemático da cobertura noticiosa no caderno de Mercado, voltado especificamente para a reportagem de assuntos econômicos e financeiros; e 2) o estudo da opinião do jornal, apreendida por meio dos editoriais.

Para efeito de recorte da amostra foi realizada uma pesquisa exploratória prévia nas 120 edições que circularam entre 11 de fevereiro e 12 de maio, data do afastamento de Dilma, e entre 31 de agosto, data da posse de Temer, e 29 de outubro. Este trabalho buscou os temas recorrentes na cobertura econômica da *Folha e*, encerrado o processo, chegou-se à temática de investimentos como tema para a pesquisa.

Dessa forma, nos coube, a partir do embasamento teórico já adquirido na bibliografia sobre economia e jornalismo econômico e no reforço da observação empírica empreendida na pesquisa exploratória, a definição das categorias propostas (BARDIN, 2004). Essa fase resultou na seleção de seis parâmetros nos quais todo e qualquer assunto relacionado a investimentos poderia ser encaixado. São eles: 1) confiança e avaliação de risco; 2) especulação e cotação de mercados; 3) estatais; 4) medidas e reformas governamentais; 5) subsídios e concessões; e 6) títulos e ativos financeiros.

Com base nessas seis categorias identificadas na pré-análise foi realizada a uma análise quantitativa de conteúdo a fim de filtrar e categorizar os conteúdos veiculados no espaço de editorial e no caderno de Mercado. O período de abrangência desta análise compreendeu o mesmo período abrangido pela fase de exploração. Portanto, a pesquisa abarcou, ao todo, 120 edições diárias do periódico dentro de um universo de 365 – ou pouco menos de 1/3 do total de edições anuais –, chegando a um total de 66 conteúdos de

gênero noticioso e oito editoriais para o período referente ao governo Dilma, e 58 conteúdos de gênero noticioso, além de nove editoriais no que diz respeito ao intervalo analisado no governo Temer.

Além de cumprir objetivos metodológicos, a análise quantitativa de conteúdo visou a filtragem do assunto ou subtema mais frequente na cobertura noticiosa presente na grande temática de investimentos. Finda esta etapa do trabalho, ainda restou um volume muito grande de material para ser submetido à metodologia proposta por Motta (2013). De tal forma que a investigação deveria circundar duas situações e períodos distintos, além da necessidade inalienável de abranger textos editoriais, definimos o critério de repercussão pública para reduzir ainda mais o material a ser analisado. Assim sendo, foi possível verificar dois momentos-chave para as narrativas que propusemos destrinchar: em relação à gestão Dilma, este momento ficou caracterizado na votação que definiria o afastamento da então presidente. Já quanto ao governo Temer, a aprovação da PEC do teto⁶ de gastos públicos se evidenciou como estopim da narrativa.

Tomando como fundamento os editoriais em que a *Folha* aborda as referidas situações, ao dedicar pelo menos um texto em cada caso, e respeitando a estrutura da narrativa – início, clímax e desfecho –, incluímos na análise textos publicados anteriormente, simultane-

⁶ PEC do teto dos gastos públicos é o apelido dado à Emenda Constitucional 95, derivada da PEC 55/2016, aprovada no Senado Federal em 13 de dezembro de 2016 e, portanto, já em vigor. Se trata de um projeto de lei, elaborado pela Presidência da República, que determina que as despesas de um ano não possam crescer acima da inflação registrada no exercício anterior, durante um período de 20 anos. O projeto se tornou alvo de polêmica porque, enquanto o governo defendeu a mudança para o ajuste fiscal em curso, movimentos sociais e especialistas a acusaram de ser um prenúncio de corte de gastos em áreas como saúde e educação.

amente e posteriormente à data em que os editoriais foram veiculados, constituindo quatro itens de análise para a narrativa da gestão Dilma e outros quatro para a narrativa da gestão Temer, num total de oito, entre notícias e editoriais. Esta opção metodológica leva em consideração a exigência de contextualizar cada um dos momentos-chave mencionados de acordo com os fatos que precederam e sucederam à sua concepção, em respeito à historicidade do processo e à configuração tradicional da história segundo as teorias consolidadas da narratologia. No Quadro 1 abaixo, apresentamos o material selecionado:

Quadro 1 - Lista de conteúdos selecionados para análise

Nº	TÍTULO	GÊNERO	DATA
1	Explique se puder	NOTÍCIA	10/05/2016
2	Danos econômicos	EDITORIAL	11/05/2016
3	À espera da votação, Bolsa de SP tem maior alta desde 17 de março	NOTÍCIA	11/05/2016
4	À espera de votação, Bolsa de SP recua 0,6%	NOTÍCIA	12/05/2016
5	Mercado reage com euforia ao resultado das eleições	NOTÍCIA	04/10/2016
6	O avanço do teto	EDITORIAL	12/10/2016
7	Vitória do governo reforça apostas de investidores na queda dos juros	NOTÍCIA	12/10/2016
8	Governo vê condições de consistente queda do juro	NOTÍCIA	14/10/2016

Fonte: Elaboração dos autores

4. A reconstrução da tessitura narrativa dos governos Dilma e Temer

A análise quantitativa de conteúdo possibilitou a identificação de 66 conteúdos entre entrevistas, notícias, reportagens e oito editoriais, dentro da grande

temática de investimentos, no que diz respeito ao período que abrangeu os dois meses que antecederam o afastamento de Dilma Rousseff à frente da Presidência da República. Já em relação ao governo Temer foram encontrados 58 conteúdos de gênero noticioso e nove editoriais nos 60 dias que sucederam a sua posse definitiva. Em termos de categorização do material coletado, é possível verificar que o equilíbrio relatado anteriormente se perde à medida que determinados assuntos são mais frequentemente abordados do que outros. Quanto ao período de Dilma, por exemplo, a categoria “Especulação e cotação de mercados” representou quase $\frac{3}{4}$ de todo o conteúdo noticiado no recorte selecionado, maioria absoluta. No que se refere ao período de Temer, embora a mesma categoria ainda seja predominante entre os conteúdos, sua incidência diminuiu para pouco menos da metade de tudo o que foi reportado, o que significa que mais espaço foi destinado às outras categorias contempladas pela pesquisa. O Gráfico 1 abaixo evidencia a divisão na abordagem de temas no que se refere às últimas semanas de administração Dilma.

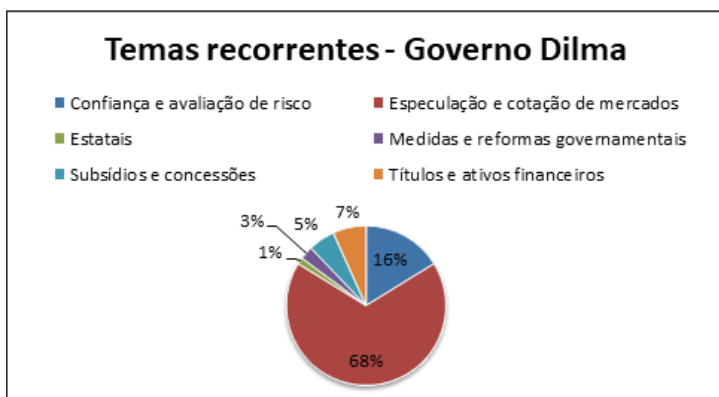


Gráfico 1 – Temas abordados na cobertura jornalística empreendida pela *Folha* durante o período selecionado do governo Dilma

Fonte: Elaboração dos autores.

Para além da categoria que prevalece na análise de conteúdo dos dois períodos, a categoria que talvez mereça maior atenção dentre as que foram alçadas a um novo patamar de importância é a de “Subsídios e concessões”, que saiu de 5% da cobertura noticiosa sobre investimentos no período Dilma para 13% no governo Temer. Neste caso, como o assunto afetava os interesses dos setores produtivos, responsáveis em grande parte por financiar a campanha⁷ pelo *impeachment*, a maior atenção e enfoque dispensados pela *Folha* talvez possam ser justificados pelo aspecto comercial. O **Gráfico 2**, como podemos ver a seguir, deixa claro que a cobertura econômica do governo Temer foi mais equilibrada em termos de pluralidade.

4.1. Dilma como inimiga do desenvolvimento nacional e capital estrangeiro

O primeiro ato da unidade narrativa, publicada na edição de 10 de maio de 2016 com o título “Explique se puder”, relata as dificuldades encontradas por executivos para explicar a investidores estrangeiros o cancelamento da votação do *impeachment* de Dilma na Câmara. Já o segundo se inicia com a publicação do editorial “Danos econômicos”, onde nota-se uma disposição para manter os desdobramentos econômicos do cancelamento da votação do *impeachment* na esteira do desenlace narrativo. A opinião do jornal

⁷ Um exemplo ilustra bem a afirmação de que os setores produtivos financiaram ações *pró-impeachment*. Se trata da campanha “Não Vou Pagar o Pato”, criada em 2016 pela FIESP, que defendia um arrocho ainda maior aos gastos públicos em substituição à ideia de aumento de impostos como saída para a crise fiscal. Posteriormente, o projeto teve continuidade com o apoio formal ao *impeachment* de Dilma, transformando o grande pato amarelo numa espécie de mascote dos setores e dos segmentos que defendiam a deposição da então presidente.

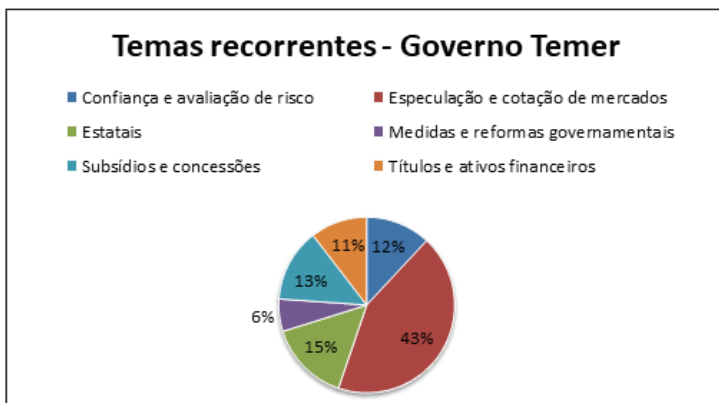


Gráfico 2 - Temas abordados na cobertura jornalística empreendida pela *Folha* durante o período selecionado do governo Temer

Fonte: Elaboração dos autores.

dá conta de que a recuperação econômica do país dependia do atendimento das expectativas do mercado. Ainda presente no segundo ato da narrativa, que se integra a uma espécie de clímax da história, está a notícia publicada no mesmo dia em que o editorial, com o seguinte título: “À espera da votação, Bolsa de SP tem maior alta desde 17 de março”. O texto noticioso corrobora com o editorial e traz novos elementos que reforçam a tese da completa rejeição de Dilma frente aos agentes do mercado. O terceiro ato da narrativa, que cuida do desfecho da história, traz a notícia que fundamenta uma espécie de paradoxo ou contradição inerente ao contexto. Veiculada no dia 12 de maio de 2016, data da votação sobre a abertura do *impeachment* no Senado, a nota traz o título “À espera de votação, Bolsa de SP recua 0,6%”. A titulação do texto noticioso faz referência direta à notícia publicada no dia imediatamente anterior e

contrasta com os efeitos opostos a despeito de um mesmo vetor de influência, que é a votação. Enquanto o elemento de composição do segundo ato da narrativa apresenta tendência de alta do mercado, o terceiro denota “recuo”. Muito embora o conflito apresentado anteriormente prejudique o desfecho do enquadramento dramático, o último ato da narrativa se presta a justificar o aparente paradoxo e a respaldar as sequências anteriores da história.

4.2. A construção do salvador da pátria: Temer e as medidas reformistas

Nesta etapa de pesquisa, a notícia publicada pelo jornal no dia 4 de outubro de 2016, com o título “Mercado reage com euforia ao resultado das eleições” se configurou como primeiro ato da narrativa. O referido texto noticioso informa que o resultado dos pleitos municipais, em termos gerais, foi recebido pelos mercados como um forte sinal de apoio ao liberalismo econômico. Com um salto temporal, no dia 12 de outubro de 2016 é publicado o editorial “O avanço do teto”, que traz à luz o que seria o segundo grande fator de desenlace da narrativa para além do resultado das eleições municipais: a PEC do teto de gastos públicos. Para a Folha, a medida de contenção das despesas governamentais pareceu indispensável para solidificar a confiança de investidores estrangeiros quanto à nova matriz fiscal adotada pelo governo, bem como para romper com o rombo crescente das contas públicas.

Presente ainda no segundo ato da narrativa, no âmbito do desenvolvimento, aparece a notícia “Vitória do governo reforça apostas de investidores na queda dos juros”. Publicada também no mesmo dia que

o editorial, o texto amarra todas as circunstâncias à conjuntura econômica da época para apresentar as expectativas dos mercados com relação à queda da taxa básica de juros ou Selic pelo Banco Central.

O terceiro último ato da narrativa, refletido na notícia publicada dia 14 de outubro de 2016 com o título “Governo vê condições de consistente queda do juro”, costura toda a trama e fecha o ciclo da história. O texto noticioso da *Folha*, quase que um diálogo analítico com o elemento que compõe o segundo ato da narrativa, caracteriza-se como uma resposta do governo às expectativas do mercado.

4.3. Jargões econômicos e conectivos temporais: a linguagem como condutora de distintas narrativas

Foi possível detectar, no plano da expressão, o uso de um enorme acervo de advérbios, adjuntos e locuções adverbiais na unidade narrativa referente ao governo Temer, especialmente se colocada em comparação com a unidade narrativa relativa ao governo Dilma.

Tão clara distinção no que diz respeito à aplicação dessa modalidade de recurso linguístico traduz a intenção ou tentativa de construir, por parte da *Folha*, duas narrativas completamente diferentes em termos de contextualização e de elo temporal entre eventos passados e futuros.

O uso menos recorrente de conectivos temporais evidenciou, por um lado, uma espécie de desconstrução ou fragmentação da narrativa de modo a dificultar a síntese por parte do público receptor, enquanto por outro a maior incidência desse tipo de recurso remonta à necessidade de abordar, holisticamente,

cada um dos fatos noticiados separadamente. Tais constatações não decorrem somente em função do artifício linguístico, mas a aferição de seu uso torna inegável a interpretação de que os conectivos temporais adquiriram uma dimensão ideológica com esta abordagem, e, portanto, foram indispensáveis para a intenção de produção de significados.

Quanto à verificação da utilização de figuras de linguagem na construção textual que sustentou as narrativas, não foi possível chegar a nenhum resultado significativo. Embora tenhamos encontrado sua aplicação em alguns poucos textos, eles nada diziam sobre uma suposta intencionalidade de construção de sentidos e, além disso, foram utilizados de maneira mais frequente na reprodução de falas diretas de entrevistados – o que representa uma posição editorial do veículo, mas não nos dá base para qualquer análise mais aprofundada em função de sua baixa incidência.

A verificação do uso de jargões econômicos e de termos típicos das ciências econômicas, empreendida em ambas as unidades narrativas, também não apresentou resultados drasticamente discrepantes no que diz respeito à intenção de construção de significados. Embora a incidência de verbetes do economês tenha sido observada nas duas unidades narrativas, os critérios para sua recorrência foram coerentes em ambos os casos. Apesar disso, a análise linguística dos jargões econômicos evidenciou uma aparente e possível preocupação do jornal em traduzir determinados termos, de forma didática, para uma melhor compreensão dos leitores. Essa perspectiva parece indicar uma novidade no tratamento do economês.

Não é possível, porém, a partir desse estudo narrativo afirmar que houve ou há uma mudança de tratamento do economês em curso no jornalismo econômico brasileiro, mesmo porque o recorte da pesquisa, a especificidade do veículo analisado e a observação de que o didatismo incide majoritariamente em verbetes usados com pouca frequência não são suficientes para respaldar esta posição, muito embora apresentem indícios de que as redações têm dispensado atenção especial ao tema.

4.4. O caos e o renascimento como metáfora política

Os sentidos apresentados no plano da metanarrativa se revelaram opostos entre Dilma e Temer. Os elementos identificados e relatados anteriormente apontam que *Folha* trabalhou costurando uma cobertura que pudesse reforçar cada vez mais a necessidade do afastamento de Dilma, como evidenciam a apresentação das expectativas de investidores estrangeiros e a repercussão da oscilação dos índices do mercado financeiro, conforme as chances de queda da então presidente cresciam ou diminuía. Neste sentido, a *Folha* empreendeu uma narrativa – que não se restringiu ao noticiário, mas abarcou a opinião editorial do veículo – tecida supostamente em defesa dos interesses do país e intolerante com a “corrupção”, “incompetência”, “corporativismo” e todos os demais vícios políticos que pudessem encarnar a persona de Dilma.

De acordo com essa estrutura profunda que a *Folha* se debruça a construir, o país, já com a sua reputação completamente manchada perante a comunidade internacional, só vislumbraria possibilidades de

ressurgir das cinzas se mudanças drásticas no âmbito institucional fossem tomadas pelas pessoas certas – o que já estabelece, de antemão, a exclusão de Dilma a partir da constatação de que ela já não dispunha de capital político, apoio popular ou confiança das elites do país para promover as enérgicas medidas que o Brasil era convocado a fazer. O banimento de Dilma representa não só sua exclusão pessoal do processo de adaptação do país a uma nova fase como significa o rompimento da administração com os ideais, propostas e visão de mundo da petista.

Consolidado o *impeachment* de Dilma, a *Folha* faz intervenções pontuais na sua cobertura e no seu direcionamento editorial para que o pano de fundo e véu moral erguido sob a gestão Dilma não seja associado à nova administração que havia começado. Como uma nova história emerge da conjuntura de momento, o veículo trabalha também numa estrutura profunda que possa se adequar aos princípios que a *Folha* julga serem adequados e conclama como sendo de interesse de toda uma nação.

Segue-se a isso, então, uma agenda noticiosa que prioriza o diálogo implícito pelas frentes que compõem a elite nacional, o renovado Executivo e o Congresso já tutelado pelo fisiologismo imposto por Temer e justificado pela *Folha* na iminente necessidade de reconstruir o que os governos petistas supostamente teriam comprometido – a saber, o rigor fiscal das contas públicas e a política de estado mínimo herdada dos governos da década de 90. A oposição dos sentidos das diferentes metanarrativas sustentadas no decurso das coberturas de Dilma e Temer se fundamenta ao passo que o caos e a desgraça pautam a estrutura de fundo de um governo enquanto

a esperança e a renovação dão o tom do pano de fundo do outro. Discursivamente, a lógica conectiva estabelece-se pela continuidade da narrativa em que o afastamento de Dilma do poder se associa ao fim dos problemas do país, e sua substituição por uma nova matriz política, representada na figura de Temer, é vista como o ressurgimento e o encaminhamento do Brasil à modernidade.

5. Considerações Finais

Tendo em retrospectiva os objetivos iniciais traçados para a pesquisa, os resultados deste trabalho configuram indícios que podem colocar em debate características do jornalismo econômico brasileiro na contemporaneidade. A estrutura da cobertura jornalística sobre economia, que constitui um diário contínuo de relatos interconexos (BASILE, 2002), e a sua conjugação com a metodologia da análise crítica da narrativa, permitiu o encaixe teórico ideal para desconstruir e remontar as histórias em evidência. Apesar das dificuldades inerentes ao tratamento temporal dos conteúdos jornalísticos, caracterizados por sua particular cronologia, como afirma Motta (2013), a historicidade do jornalismo econômico facilitou em muito a sua exploração narrativa.

Os resultados encontrados sugerem que as narrativas costuradas pela *Folha de S. Paulo* sobre os governos Dilma e Temer em muito se justificam na forma pela qual o jornalismo econômico brasileiro vem se rendendo historicamente aos caprichos de segmentos de determinados grupos e setores, conforme as proposições de Quintão (1987). Enquanto a gestão de Dilma é descrita simbolicamente como um completo fracasso no campo da política e da economia,

muito por conta da matriz novo-desenvolvimentista que a petista frustradamente tentara emplacar e em função da crise fiscal que o país enfrentava naquele momento, as perspectivas atribuídas ao plano de governo de Temer se solidificam na expectativa de grandes reformas liberais e no retorno da austeridade governamental que a máquina administrativa federal tinha por referência até a virada do milênio.

Muito embora possa se lançar qualquer suspeita sobre até que ponto o tom adotado pela cobertura do periódico permite abstrair a interpretação de uma abordagem favorável a um governo e desfavorável a outro, a análise dos editoriais não deixa margem para dúvida a respeito de como a *Folha* enxergava a diferença que havia entre as ideias de Dilma e Temer para o futuro do Brasil e de que maneira o jornal se valeu do apoio das elites para promover uma cobertura que supostamente pudesse evocar valores pretendidos para a gestão pública, tais como austeridade fiscal, responsabilidade administrativa, integridade moral e outras qualidades que fossem de pressuposto do governo Temer.

O maior mérito deste trabalho, porém, não é solução das perguntas iniciais que acreditamos terem sido satisfeitas com as interpretações, mas os novos questionamentos que surgiram à medida que as circunstâncias atuais do jornalismo econômico não foram totalmente acolhidas pela literatura à disposição. Exemplo disso pode ser encontrado nas brechas expostas por intermédio da investigação do chamado plano da expressão ou do discurso, que dão indícios de que o economês adquiriu uma conformação mais didática na cobertura econômica realizada hoje ou então na dúvida a respeito da intencionalidade, consciente

ou inconsciente, sobre o uso de conectivos temporais para efeitos de construção de significados discursivos. Tais problemas foram observados no decorrer da pesquisa, mas não puderam receber uma abordagem mais ampla em função dos limites deste trabalho. Por isso, ficam como sugestões para integrar eventuais projetos futuros que englobem uma releitura do jornalismo econômico brasileiro praticado no século XXI, à luz dos desafios proporcionados pela democracia.

Referências

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 4 ed. Lisboa: Edições 70, 2004.

BASILE, Sidnei. **Elementos do jornalismo econômico**. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa, contexto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

KUCINSKI, Bernardo. **Jornalismo econômico**. 2 ed. São Paulo: Edusp, 2000.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise crítica da narrativa**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2013.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Por que estudar narrativas? In: MOTA, Célia Ladeira; MOTTA, Luiz Gonzaga; CUNHA, Maria Jandira (Org.). **Narrativas midiáticas**. Florianópolis: Editora Insular, 2012. p. 23.32.

PULITI, Paula. **A financeirização do noticiário econômico no Brasil (1989-2002)**. 2009. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009. Acesso em: 3 jan. 2017.

QUINTÃO, Aylê-Salassiê Filgueiras. **O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964**. Rio de Janeiro: Agir, 1987.

VON MISES, Ludwig. **Ação humana: um tratado de economia**. 31 ed. São Paulo: Instituto Ludwig von Mises Brasil, 2010.

NOÊMIA FÉLIX DA SILVA
WILLIAM DE ARAÚJO CORREIA

WHEELAN, Charles. **Economia nua e crua**: o que é, para que serve, como funciona. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.

WILLIAMSON, John. **Depois do consenso de Washington**: retomando o crescimento e a reforma da América Latina. São Paulo: Saraiva, 2004.

DADOS DOS AUTORES

NOÊMIA FÉLIX DA SILVA

URL <http://orcid.org/0000-0002-1327-8023>

Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade de Brasília/UnB, docente no curso de Jornalismo da Pontifícia Universidade Católica de Goiás, presidente e membro do grupo de pesquisa Comunicação(Com.Sentido). E-mail: noemiefelix@terra.com.br. Currículo Lattes - <http://lattes.cnpq.br/5155143810867808>

WILLIAM DE ARAÚJO CORREIA

Pontifícia Universidade Católica de Goiás

Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

E-mail: williamcorreia95@gmail.com

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0116797546684695>